

SERMAO

DA QVINTA
DOMINGA DA
QVARESMA.

AS MACESTADES REAES,
em a.sua Real Capella.

OFFERFCIDO AO MVITO
R. P. M. Fr. Luis Coutinho, Prouincial
da Ordem de S. Agostinho, nestes
Reynos de Portugal.

PREGOVO O P. M. FR. CHRISTOVAM
*de Almeida, Lente de Theologia em o
Collegio de Santo Agostinho desta
Cidade de Lisboa.*



Deu o à estampa Domingos Lopes Rosa Impressor
de Liuros.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias. Por Domingos Lopez
Rosa. Anno de 1650.

DA QUINTA
DOMINGA DA
QUARESMA.

AS MACESTADES REAES
em a sua Real Capella.

OFFERTICHO AO MVITO
R. P. M. R. Luis Coutinho, Provincial
da Ordem de S. Agostinho, nelleas
Reynos de Portugal.

FRANCISCO P. M. R. CHRISTOVAM
de Calanda, Lente de Theologia em o
Collegio de Santo Agostinho de
Cidade de Lisboa.

Deo iussu et auctoritate Regis Imperatoris
de Lisboa.

EM LISBOA.
Com todas as licenças necessarias Por Domingos Lopes
Lente de Theologia de S. Agostinho.

AO MVITO R. P. M. FR. LVIS COVTINHO
Prouincial da Ordem de S. Agostinho nestes Reynos
de Portugal:



E a Religiaõ do grande Padre Santo Au-
gustinho, cujo lugar V. P. dignissimamen-
te neste Reyno de Portugal substitue, hum
Ceo, que adornado de animadas Estrellas
está sempre vibrando resplandores: já com
o excellente das virtudes, já com o illustre
do sangue, já com o claro, & sutil dos engenhos; cujos partos
fortelizaõ ainda aos mais fecundos entendimentos; Este que
(senão como diuida) com muito fundamento offereço a V. P.
he hum Sermão, que o P. Mestre Frey Christouão de Almeida
prégou na Capella Real desta Cidade a Quinta Dominga da
Quaresma proxima passada, a que vulgarmêtc se chama das
Verdades; & pois o assumpto he dellas, pello que tem de util
na doutrina, & de delectauel no engenho (sendo limitado o
tempo, que pera o fazer se lhe deu) quizera eu a pezar do mes-
mo tempo, & de seu Author, trazelas a luz, pera que dadas à
immortalidade da estampa tornassem a lograr no communo
os aplausos, que justamente tiuerão dos que no pulpito as ou-
uirão. Guarde Deos a V. P.

Ioão Pereira de Caceres.

*Approvaçãõ do R. P. Presentado Fr. Ioseph de
Sotto Mayor.*



OR mandado do muito Reuerendo P. Mestre Frey Luis Coutinho Prouincial da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho nosso Padre, nestes Reynos de Portugal: ei visto, & lido este Sermão, que na Capella Real prégou a Quinta Dominga da Quaresma, ás Magestades Reais, o Padre Frey Christovão de Almeida, Lente de Theologia no Collegio de Santo Agostinho nosso Padre desta Cidade de Lisboa. E me parece, que reseruando pera seu Author o applauso com que foi ouuido, & o he em todos seus Sermões: se deue imprimir para exemplar de se conceituar com engenho, se falar com propriedade, & se prouar com sutileza. Lisboa, neste Conuento de nossa Senhora da Graça, a 14. de Novembro de 1649.

Fr. Ioseph de Sotto Mayor.

Vista a informação do R. P. Presentado Fr. Ioseph de Sotto Mayor, que por comissõ nossa vio este Sermão, damos licençã para que se possa imprimir, alcançando primeiro as licenças, que pera isso são necessarias. Em nossa Senhora da Graça de Lisboa, a 15. de Novembro de 1649.

M. Fr. Luis Coutinho Prouincial.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? Ioan. 8



ADA sabe temer a Innocencia (muito altos, & muito poderosos Reys, & Senhores nossos.) Nada sabe temer a Innocencia: de tudo se recea o delito. He tão animoso hum justo, ainda entre os maiores perigos, como he cobarde hum culpado entre as seguranças maiores. Que descançado dormia S. Pedro em o carcere prezo com cadeas, rodeado de soldados, & condenado a morrer. *Et erat dormiens inter duos milites vincetus catenis duabus.* É que inquieto descansava Nabucho em seu Palacio assistido de guardas, & lisongeadado de grandes, em o auge do Reynar: *Cogitationes meae in stratu meo, & visiones capitis mei conturbauerunt me.* Parece na verdade, que se trocaraõ as sortes, que vella temeroso, o que auia de dormir descançado, & que dorme descançado o que auia de velar temeroso. Porque quem podia temer menos que hum Rey assistido de guardas, que lhe defendião a vida, & quem podia temer mais que hum homem rodeado de soldados que lhe assegurauão a morte? Mas eu já vejo a rezã. Não temia Pedro entre os riscos porque era Innocente; temia Nabucho entre as seguranças, porque era culpado: he tão cobarde o delito, como animosa a Innocencia por isso não descança Nabucho inquieto entre os regalgos do Paço, por isso dorme Pedro seguro entre os horrores do carcere: *& erat dormiens inter duos milites vincetus catenis duabus.*

E supposta esta verdade tão certa, supposto, que he o temor consequencia do delito, & a confiança argumento da Innocencia: se o odio não tiuera aos Iudeos tão obstinado, se a enueja os não trouxera tão cegos, bem virão elles nesta acção que Christo hoje faz, como era sua vida justificada, & sua doutrina verdadeira, Tratauão os Príncipes de Ierusalẽ,

& os grandes de Judea de dar a Christo a morte, porque lhe pregava defenganos, & porque lhe dizia as verdades : Se as dizia na Corte, claro está, que este fim auia de ter a sua pregação, & esta correspondencia seu zelo. Soube Christo estes intentos dos Iudeos, & quando parece que lhe auia de fugir, esteve tão longe de o fazer, que antes os foy buscar pera se justificar a si, & pera os reprehender a elles: *Quis ex vobis arguet me de peccato? Eis ahi a justificação de Christo; Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi? ?* Eis ahi a reprehensão dos Iudeos; justificouse o Sn̄r, primeiro q̄ os reprehẽdese; O que grande exemplo deixou Christo ao mundo nesta acção! Mas não sei se foy este doutrina bem recebida, porque a não vejo muy praticada, antes muito ao contrario: Iustificouse a Innocencia pera arguir a maldade, & no mundo se se justificar a maldade quer arguir a Innocencia; O que injusta condição dos homens! Que escandalosa sem rezão da natureza!

Não ha duuida logo, q̄ suppostos os intentos des Iudeos, que era pera temida a occasião, & pera receado o perigo; mas senão sabe ter temor hum innocente, como auia de temer aquelle Senhor, que era a mesma santidade, que era a mesma Innocencia? Bem digo eu logo, que se o odio não tivera tão cegos aos Iudeos, que nesta acção de Christo os ir buscar a elles pera os reprehender, quando elles buscãõ a Christo pera o matar virãõ sua innocencia claramente, por que argumento era muy efficaz, proua era muy verdadeira, de que não lhe deuia nada, quem os temia tão pouco, & que estaua muy innocente quem não sabia temer ameaçado. Mas como a enueja cega os olhos da rezão, como o odio arrasta as evidencias do discurso, que muito que não bastasse esta acção pera conueter, & confundir aos Iudeos, se elles enuejauãõ, & aborreciaõ a Christo. O Euangelho deste dia chama se o da Paixão, não sô porque he lastimoso, senão tambem porque he comprido, & assi, que se eu quise explicar todas as suas circunstancias, não me ficãra lugar pera os discursos; entremos logo com elles, que ainda que a mim me faltou o tempo

tempo, não me faltará a materia, na justificação de Christo pera com os Iudeos, & na incredulidade dos Iudeos pera cõ Christo.

Quis ex vobis arguet me de peccato?

Todos os expositores deste Euangelho se admirão muyto de que Christo sendo Deos se justifique hoje com os homens, sendo a mesma Innocencia, se exponha ao exame da mayor maldade: Isto he o de que hoje se admirão todos, mas se eu hei de dizer o que sinto, a mim não me admira nesta justificação, mais que sòmente hũa circumstancia. Que Christo se justifique hoje com os cortezãos de Ierusalem muyto embora, que rezão de estado he muy antiga em Deos o tratar de parecer bem aos olhos dos homens, quando os homens tem por rezão de estado, o não parecer bem aos olhos de Deos. Mas que se justifique Christo de maneira, que se justifica, isso sò he o que me espanta. Pergũta Christo aos Iudeos se averá algum delles que o possa acusar de culpa, que o possa arguir de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Grande materia pera espanto! singular motino pera admiração! Dificulto desta maneira: Estes mesmos homens a quẽ Christo faz esta pergunta, não o tem (ainda que falsamente) arguido de tantos peccados? Não tem dito do Senhor, que se faz Rey sem o ser, que perturba toda Iudèa introduzindo novas doutrinas, que lança demonios fora em virtude do demonio, que não obserua os sabbados, que quebranta as leys, que altera os costumes, & que quer valer com hypocresias? **A**ssi o tem dito, não sò por hũa vez, senão por muitas.

Isto tudo, ainda que não sejam culpas verdadeiras (que em Christo era impossivel) não são culpas arguidas? Quem o poderà negar? Pois se isto assi he, como pergunta Christo àqueles mesmos que o tem arguido de tantas culpas, se averá algum delles que o argua de peccado? O que singular fineza do amor de Christo! Assi se ha Christo, ou assi o faz aver seu amor no conhecimento de nossas culpas, como se não tiuera dellas nenhum conhecimento. Bem sabia Christo, que avia em Ierusalem queixosos, que condenauão sua vida, calumniauão

nianão suas obras, & q̄ o arguição de culpas, mas como quer que o arguirem os homẽs de culpas a Christo, era hũa culpa dos homẽs, haffe de tal sorte o Senhor, que como se nem ainda sospeitara os peccados de que o arguião pergunta hoje se ha algum que o argua de peccado. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Esta he a propriedade do amor em contraposição da propriedade do odio, que assi como o odio na acção que pode desacreditarnos faz da sospeita sciencia, assi o amor na acção que pode desluziruos da sciencia não acerta a fazer sospeita.

Ioão.
cap. 18.

Quando a Christo o vierão a prender seus inimigos, diz o Evangelista S. Ioão que sabendo o Senhor muy bem tudo o que lhe avia de succeder, lhe faira ao encontro, & lhe perguntara a quem buscavaõ: *Sciens omnia, qua ventura erant super eum processit. & dixit quem queritis?* Parece na verdade, que se implica no modo de falar o Evangelista; porque se Christo sabia muy bem que os Iudeos o buscavaõ: *Sciens omnia, qua ventura erant super eum.* Como diz São Ioão, que o perguntou? *Quem queritis?* E se o perguntou como o sabia? como se pode concordar esta pergunta com aquella sciencia, se a sciencia se destroe pela pergunta? quem pergunta, dà incêdio de não saber, q̄ quẽ sabe, não tem necessidade de perguntar: Pois se Christo tem taõ inteira sciencia dos intentos dos Iudeos, pera que lhe pergunta a quem buscãõ, & se lhe pergunta a quẽ buscãõ, como tem sciencia de seus intentos? *Sciens omnia, qua ventura erant super eum.* He entre os expositores singular a difficuldade, mas supposto o que temos dito, pareceme a mim, que desta vez auemos de dar a rezão: Verdade he, que sabia muy bem Christo, que os Iudeos o buscavaõ pera o prender, mas como o buscar a Christo pera o prender era hũa culpa dos Iudeos, assi se ha o Senhor no conhecimento desta culpa, que tendo della huma grande sciencia: *Sciens;* parece que não acertava (digamolo assi) não acertava, seu amor a fazer desta sciencia grande, nem ainda hũa presunção muito leue, não acertava a presumir aquella mesma culpa, que não podia ignorar, por isso sabendo muy bem o q̄

pergun-

perguntava, assi o perguntou como se o não soubera: *Siens processit & dixit. Quem queritis?* Homens a quẽ buscais? Quanto aos olhos humanos, muito parece que se implica esta pergunta de Christo com a sua sabedoria mas com seu amor jũto a sua sabedoria não se implica, porq̃ assi como o odio dos Iudeos nas culpas que falsamente impunhaõ a Christo, da sospeita fazia sciencia, assi o amor de Christo nesta culpa dos Iudeos, quiz mostrar que da sciencia nam acertana a fazer sospeita; por isso os Iudeos o prendem; por isso Christo pergunta: *Quem queritis?* O cegueira do amor! O prespicacia do odio! Em a esphera do odio (quando he de culpas o conhecimento) ordinariamente não ha aquillo que se vê, & na esphera do amor não se vê aquillo que ha.

Bem se vio entam, & bem se vê hoje no odio dos Iudeos, & no amor de Christo; que esta propriedade só se podia achar em tal amor, & em tal odio: Christo sabendo hoje a culpa que os Iudeos cometião em o arguir de culpa, assi se ha como se nem ainda o sospetãra: *Quis ex vobis arguet me de peccato?* E os Iudeos suspeitando o, & falsamente culpas em Christo, assi procedem como se as souberão: *Nunc cognouimus quia Samaritanus es tu, &c.* Mas que muito que assi seja, se Christo amava, & elles aborreciam? Bem pudera eu seguir largamente esta materia, que muito podia dar de sy pera a doutrina, mas vamos a outra rezão mais propria deste lugar. Queixão se os Iudeos que Christo não obserua as leys, que altera os costumes, que não guarda os sabbados, & não faz Christo caso de nenhũa destas queixas, pera ensinar aos Principes do mundo com este exemplo, que nem de todas as queixas haõ de fazer caso Christo a fazer milagres, Christo a resuscitar mortos, Christo a curar enfermos: Christo a desuélar se pello remedio de Iudea, & Iudea a queixar se de Christo, & auia o Senhor de fazer caso de tais queixas, auia olhe de dar cuidado tais culpas? Isso não o quiz fazer o Principe da gloria, pera que depois o fizessem tambem assi os Principes do mundo; Se aos Principes, se aos Monarchas lhe ouueraõ de dar cuidado todas as queixas, fora o sceptro hum martyrio, fora a

Ioanm.
cap. 8.

coroã hũa morto, por isso pera Christo os liurar deste grande tormento, que os esperaua não faz hoje nenhum ca'õ das culpas de que o arguião, antes como se de nenhum peccado o tiueraõ arguido: pergunta se ha alguem que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Hora a mim não me espantou tanto o não satisfazer Christo às queixas dos grandes de Ierusalem, como o fazerem os grandes de Ierusalem queixas de Christo. Vinde cã gente in grata, condições peruerfas, animos obstinados, Christo não se desuella, Christo não vos ensina, Christo não vos remedeia? Digamno os prodigios que obra, os enfermos que sara, os mortos que refucita. Pois se isto assi he, de que vos queixais? Dice alguem que se queixauão estes homẽs porque eram Phariseos, mas eu digo q se queixauão estes Phariseos, porque eram homẽs: He a queixa hum mal da nossa vontade, he hum achaque da nossa natureza, cujo remedio he tam difficultoso, ou pera dizer milhor, tam impossuel, que só entam deixar mos de nos queixar quando deixarmos de ser. Homens, & queixosos, homẽs, & descontentes, vem a ser tãto a mesma cousa, que o dizer que he homem, quẽ não anda descontente, o dizer que he homem quem não he queixoso parece hũa implicação, ainda na pena de hum Euangelista. Reparei eu muito quando li o Euangelho de Domingo passado, em que diceffe o Euangelista S. Ioaõ, que embarcando se Christo, o seguira hũa grande multidão, sem que explicasse de que era esta multidão que o seguira. Dizem assi as palauras: *Abijt Iesus transmare Galilea, & sequebatur eum multitudo magna.* Passouse o Senhor além do mar de Galilea, & logo o comeffou a seguir hũa multidão muito grande; & *sequebatur eum multitudo magna* Notauel modo de dizer por certo! Pergunto. Esta grande multidão que seguia a Christo, nam era de homẽs? sy era; pois porque o não diz assi o Euangelista. Conta he a acção & desimulalãe o nome: *multitudo magna* Que misterio terã este silencio?

O que tem este silencio hum grande misterio. Hora notem, auia de dizer S. Ioaõ depois, que esta multidão recebendo

bendo não ficára queixosa, antes contente: *ut autem impleti sunt*; por isso não quiz dizer de antes que era multidão de homens, porque auer homens que sebaõ queixem, a uer homens que se sati fação, assi como he hum impossuel pera a execução, assi parece hũa implicação pera o credito. Que haja homens, que por mais que recebão fiquem queixosos, isso facilmente se achara no mundo, antes nenhũa cousa se achara senão isso: mas que haja homens que recebendo ficã-
raõ contentes, esse prodigio achase, & crece muito difficul-
tosamente; ainda que seja hum Euangelista o que o escreua, ainda que seja hum S. Ioão o que o persuade: Milagre he este de contentar homens que Deos costuma fazer poucas vezes; antes não lemos fizesse mais que nesta occasião este mi-
lagre. Por isso não diz S. Ioão esta multidão de que era, por que auia de dizer, que se contentàra.

Se não reduzamos breuemente a exemplos esta verdade: Digãome, a quem fez Deos mayores fauores, que aos filhos de Israel, se m poder nunca euitar queixas, sem poder contẽ-
talos nunca. Aparece o Senhor no monte Horeb abrazado em hũa Sarça, quando elles padecião no Egypto; despede da hi embaixadores a Faraõ, obra por elles milagres taõ espan-
tosos, que atemorizaraõ ao Rey, & assombrãõ o mundo, multiplicando castigos, conuertendo o Nilo em sangue, ti-
rando a vida aos primog nitos, & finalmente, fazendo outros muitos marauilhosos prodigios, té que libertou aquelle po-
uo ingrato cõ o poder de sua mão omnipotente: depois deli-
ure encaminhao pera a terra da promissaõ, deuidelhe as ago-
as do mar vermelho a hũa, & outra parte, pera poderem pas-
sar a pé enxuto: assistelhe com hũa nuuem fresca no veram
pera resfitem aos ardores do Sol, com hũa coluna de fogo
no inuerno, pera se repararem do rigor do frio, chouelhe
Manã do Ceo, todos os dias, não sò pera o sustento, senão tã-
bem pera o regalo, & finalmente fazlhe tais fauores, que se
eu me quiserá por a referilos, gastára nisso to lo o tempo;
supposto isto: pergunto agora assi: Podia Deos fazer por es-
tes homens mais finezas, que as q fez, podia mostrar se mais

fauorecidos de Deos, do que se virão? parece que não: pois com isto ser assi, com Deos se mostrar tam cuidadoso, cõ elles se verem taõ fauorecidos, não deixarão de vir queixosos: *Bene nobis erat in Agypto*; mas vinhaõ queixosos, porq̃ eraõ homẽs: pode Deos remedealos, mas cõ tẽtaos, isto só não pode. Em quãto Deos nos nam mudar a natureza, não nos tirãta o queixume. Falou alta & acertadamente hum grande Iuizo quãdo dice, que produzia a terra espinhos, porque era terra, a guerra oppressõs, porque era castigo, & a necessidade queixas, porque erão homens os queixosos; digo que falou acertadamente, porque por mais igualdades, que haja, por mais justiça q̃ se execute, sempre nos auemos de queixar, porque nos não queixemos por rezãõ, queixamonos por natureza, & quando he natural o achaque, tẽ muyto difficultoso o remedio. Mas com a queixa ser em nos hum mal tam grande, não sei eu se quereremos nõs liurarnos deste tam grande mal. Para o imaginar assi, tenho rezãõ, & tenho proua.

A rezam he, porque se paga cada hum de nõs, tanto mais da sua queixa que do seu remedio, que deixara de aceitar o remedio, só por fazer hũa queixa. Vamos á proua. Entrou Christo naquella piscina, cujas agoas mouidas por hum Anjo dauam saude, & achou ahy hum paralitico, que por não ter hum homem como elle mesmo confesso, auia muitos annos que padecia. O quanto disto se acha no mando! Ainda q̃ seja hum Anjo o que reparta, se vós nam tiuerdes homẽ, nam auẽis de entrar na piscina; mas isto nam he do caso, tornemos a elle. Vio Christo o enfermo, seguiu se logo á vista a cõ paixam, & a compaixam o remedio, porem foi com hũa grande circumstancia, porque lhe perguntou primeiro o Senhor se queria ter saude: *Vis sanus fieri?* E que lhe responderia o paralitico? doulhe hũa notavel resposta; Senhor, eu sou tam desgraçado (lhe respondo a Christo o enfermo) Eu sou tam desgraçado, que nam tenho homem *Domine hominem non habeo*, Hom m'isso responde a que vem esta resposta, áquella pergunta? Christo perguntate se ques que te cure, & tu lem lhe aceitar o offercimento, comças lhe a fazer queixas? dei-

xa agora as tuas queixas, & pedelhe a Christo o remedio! Iſſo fizera o paralitico ſenão fora homem, mas como era ho-
mem eſte paralitico pagauaſe tanto mais de ſua queixa, que
do ſeu remedio, que deixaua de pedir a Christo o remedio
só por lhe fazer hũa queixa: *Hominem non habeo*. Christo a of-
ferecerlhe a ſaude, & elle a queixarſe a Christo, mas ſe era ho-
mẽ q̃ auia de fazer ſenão queixarſe, ſenão fizera eſta accção
deſmẽtira a natureza. E q̃ nos queixemos nõs, não por aquillo
q̃ padecemos, ſenão por aquillo q̃ ſomos! O miſéria, tãto opera
ſenti-la! O laſtima tãto pera chorada! Sabẽ quãto he iſto aſſi,
quãto nos pagamos de ſer queixofos, q̃ ſe pode duuidar ſe a
ceitaremos o remedio pera a queixa, quando a queixa pode
ceſſar cõ o remedio. Tornemos breuemẽte ao paralitico, &
por aqui acabarei com eſta materia. Reſolueuſe Christo a
curalo, & faz rilhe primeiro eſta pergunta: *Vis ſanus fieri?* Ho-
mem quẽs que te cure? Eſta eſta pergunta por certo! & ain-
da em Christo, que não fazia nada acaſo, mais eſtranha. Se-
nhor, a hum homem que ha trinta & oito annos que eſtã en-
fermo, perguntaſi ſe quer ſer curado? diſſo podeſe duuidar?
Sy podeſe duuidar muito diſſo, porque como aquelle para-
litico com a ſaude ſe lhe podia tirar a juſta occaſiõ pera a
queixa, entendeo Christo, que sò por moſtrarſe queixoso,
naõ quereſia eſtar ſaõ, só por fazer hũa queixa não aceitaria
a meſiõha. por iſſo lhe pergunta ſe quer ſaude antes que lhe
applique o remedio. *Vis ſanus fieri?*

O doença inſofriuel da noſſa vontade! O mal grande da
noſſa natureza! Mal grande por todos os titulos, porque he
mal com que eſtamõs bem, he mal que não tem rezão, & he
mal que não tem cura. Digo que não tem cura eſte mal, por
que nõs sò então eſtaremõs contentes, quando ſe nos der,
não conforme ao noſſo merecimento, nem conforme á noſ-
ſa neceſſidade, ſenão conforme a noſſa cobiça, & pera ſa-
tar a ſede a hũa cobiça humana, parece que não baſta, nem in-
da a grandeza de hũa Omnipotencia diuina: por iſſo eu digo,
que sò então deixaremõs de ſer queixofos quando deixar-
mos de ſer. Mandaua Deos no Exodo, que os filhos de Iſrael

não colhessem do maná mais que aquil' o que bastasse para o sustento daquelle dia: *Colligat que sufficiunt per singulos dies.* Pois se o Maná choue por milagre para que lhe po' m Deos esta taxa? porque lhe não diz que receba cada hum conforme o seu desejo, senão conforme a sua necessidade? O que dà não he hum Deos Omnipotente? Pois para que são necessarias na repartiçã estas cantellas? Podia se dar caso, que o Maná faltasse por mais que os Israelitas colhessem? Sy, sy, parece que se podia dar caso, porque ainda que era hum Deos Omnipotente o que daua, erã homens os que recebão, & como qu' r que os que recebem erã homens, parece (digamolo assi) parece que recebeu Deos que lhe faltaria o Maná, se esses homens o colhessem conforme a sua cobiça, & não conforme a sua necessidade, por isso lhe acode à necessidade, & não lhe acode à cobiça: *que sufficiunt per singulos dies.* Porque para fartar a cobiça de hum homẽ, parece que não podera bastar, nem aiada a Omnipotencia de hum Deos. Daqui, daqui nace as nossas queixas: daqui vem o não auer Rey, por mais que seja justificado, que não tenha vassallos queixosos: Não queremos remedear a necessidade queremos remedear a cobiça, então como a cobiça humana tem o remedio impossivel queixamonos sem rezão, culpamos sem fundamento; senão vejamos em Christo, q' por mais igualdades que guardou, por mais beneficios que fez, não pode euitar queixas, não pode fugir a censuras, mas como erã censuras sem rezão, como erã queixas sem fundamento, não fez dellas nenhum caso, & assi como se estes homens o não tiueraõ arguido de culpa, lhes pergunta hoje, se auerã algum delles, que o argua de peccado? *Quis ex vobis arguet me de peccato?*

Depois que Christo fez aos Iudeos esta pergunta, comessou logo a persuadir-lhes sua doutrina. *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi?* Se eu vos digo as verdades (prosegue o Senhor) porque não credes em mim. Em grande materia entramos; duas cousas intentou Christo nesta occasiã, justificar sua innocencia, & prouar sua diuinidade.

Eu não

Eu não posso reparar agora em tudo, que não quiseira parecer comprido, na prova da diuindade somente reparo, & digo desta maneira: Quer Christo provar sua diuindade aos grandes de Iudea, & toma por m. yo o dizerlhe verdades? *Si veritatem dico vobis quare non creditis mihi?* Isto que argumento he? Não resuscitou o Senhor ontem a Lazaro morto de quatro dias? Sy por certo. Pois se lhe quer mostrar sua diuindade a estes homens, porque lhe não diz, que o conheço por Deos, porque resuscita mortos, senão que o tenho por Deos, porque lhes diz verdades? Sabem porque? porque Christo nesta occasião tratou de provar sua diuindade com o mayor prodigio, & o prodigio mayor de Christo, parece que não estava tanto em resuscitar os mortos, que resuscitava, como em dizer as verdades a quem as dezia; falava Christo com Principes, falava com grandes (q. prégava o Senhor na Corte) pois pera provar que he Deos não diga que tem tal poder, que restitue vidas, senão que tem tal valor, que lhe diz verdades, porque a Reys, a grandes, & a poderosos he mayor prodigio dizer hũa verdade, q. restituir hũa vida. Grande lugar, se me não engano. Manda Christo a seus discipulos a prégarem por esse mundo, & fala-lhe desta maneira: *Infirmos curate, mortuos suscite*: A estas palauras acrescenta logo outras, que são compridas, mas notaveis. *Ad praesides* (acrecenta o Senhor) *& ad Reges ducimini propter me, cū autem tradent vos nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini, non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri*. Hũas, & outras palauras vem a fazer este sentido: Discipulos meus, hide por esse mundo curar enfermos, resuscitai mortos, porem aduerti, que quando vos virdes diante de Reys, quando prégardes diante de Principes não cuideis no que lhe haveis de dizer, por quanto nesta occasião Deos he o que ha de falar. *Non enim vos estis qui loquimini, &c.*

*Matt.
cop. 10.*

Pois valhame Deos! fia Christo de seus discipulos a resurreiçãõ dos mortos a saude dos enfermos, & o falar diãte dos Reys não o fia de seus discipulos? Pergunto: qual he mais,

dar vida aos mortos, ou falar aos Reys? A esta pergunta, respondendo com distincão: mais he resuscitar mortos, que falar a Reys; mas dizer aos Reys as verdades, que neste sentido fallava Christo, he mais que dar vida a mortos; dizer a hũ Rey hũa verdade, he maior prodigio que dar a hum morto hũa vida. Por isso pera o dar assi a entender ao mundo, fiado Christo de seus discipulos o milagre da resurreicão: *Mortuos suscitare quomodo aut quid loquamini*. Mostrou q̃ não fiava delles este milagre: *Nolite cogitare quomodo aut quid loquamini*. Auião os discipulos de Christo, (que a isso os tirandava o Senhor) de persuadir aos Reys dõ mundo seus erros; tirados de sua idolatria; emmendalos da torpeza de suas culpas; mostrarlhe a cegueira de seu engano prégarlhe seu Evangelho; reduzilos a sua Igreja, & finalmente auiaõlhe de dizer as verdades: pois este prodigio não o fie Christo de homẽs porque homẽs não podem fazer tal prodigio: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini*. Resuscitai muito embora mortos, que esse milagre bem o podera fazer quem he homem mas eu direi aos Reys as verdades: *nõ enim vos estis qui loquimini*; porque essa maravilha so quẽ he Deos a poderã fazer. Assi se ouue Christo cõ seus discipulos quando os mandou a prègar pello mundo, & assi se tinba já tambẽ auido Deos com Moyes quando o mandou à Corte de Farad: *Perge igitur* (lhe diz o Senhor dentre os incendios da Sarça) *perge igitur ego ero in ore tuo*: Olã Moyes bide muito embora ao Egypto, & bem podeis hit com toda a confiança, porque quando falardes ao Rey, meu ha de ser o arrezoado: *Ego ero in ore tuo*. Eu sou o que hei de dizer, eu sou o que hei de falar, De sorte, que no Egypto Moyes ha de executar as maravilhas, & Deos ha de dizer as verdades? Sy, q̃ como se auiaõ de dizer a Farad, que era Rey, isto de dizer verdades a Reys he milagre, que quem for homem (como era Moyes) não poderã fazer, só quem for Deos o pode executar, por isso Deos he somente o q̃ fala, quando he Moyes o q̃ obra: *Ego ero in ore tuo*.

O que bem apertou Christo he je este argumento: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se eu vos fallo as verdades,

Exod.
cap. 4.

des, porque não credes que sou Deos'. Pels Senhor, só por
isso haõ de crer estes homẽs que sois Deos, porque falais as
verdades? Sy, que sendo elles Princeses, sendo elles grandes
como saõ, só quem for Deos lhe pode dizer as verdades, que
lhe dig: quer Christo prouar lhe sua diuindade, & argumen-
talhe com o mayor prodigio, & o mayor prodigio de Chri-
sto não estaua em restituir vida a mortos, senão em dizer ver-
dades a Princeses. Eu não digo, nem me vem á imaginaçõ
dizer tal, que não se dizem muitas verdades aos Princeses,
só digo, que fazendo Deos a verdade pera objecto do enten-
dimento, & não da vontade, aos Reys, que se lhe dizẽ as ver-
dades á vontade, & não se lhe dizem ao entendimento: Ex-
pliquemonos melhor, não se lhe dizem as verdades enteiras
dize lhe as verdades partidas, por isso os Reynos se perdẽ,
por isso as Monarchias se acabão; verdades que lisongeão,
dellas tem os Princeses muitos Euangelistas, porem de ver-
dades que custaõ, he impossuvel que hum só Euangelista se
achẽ. Mas que digo eu verdades? Em materias que pode of-
fender o gofio do Principe, não só não ha quem lhe diga as
verdades, mas nem ainda ha quem lhe acerte a dizer as men-
tiras, quando ao Principe lhe era conueniente saber das
mentiras & das verdades, das verdades pera a emenda, &
das mentiras pera a cautella. Não ha Principe no mundo, por
mais inteiro que seja, que o não arguão de faltas, porque he
homem, & porque gouerna a homens, porem nem todas as
faltas do Principe saõ verdadeiras, nem todas saõ mentiro-
sas, se todas forão mentirosas, fora o Principe hum Deos, &
se todas foram verdadeiras, nam forão homens os vassallos:
fora o Principe hum Deos, se todas as suas culpas foram
mentirosas, porque só Deos he impeccauel por natureza:
& nam foram os vassallos homens, se todas foram ver-
dadeiras, porque os homens dizem mal por inclinaçõ:
Diceo Seneca discretamente: *Male loquuntur de re homi-* Senec.
nes, bene enim loqui nesciunt: non faciunt quod mereris, sed Epist. 4
quod solent, *ad Lms.*

Dizem os homens de vós mal, porque não sabem dizer bem; não fazem o que vós lhe mereceis, senão o que elles costumão.

E assi como os vassallos são homens, & os Principes não são Deoses he força que haja faltas; & que nellas haja mentiras, & haja verdades, porem tambem he força que o Principe não saiba nem das mentiras; podem ellas, ainda que se fação mentiras offenderlhe o gosto; pois havelhe de ter hũ grande segredo. Lá perguntou Christo hum hora a seus discipulos, pello que diziaõ os homens de seus procedimentos. *Quæ dicunt homines, esse filium hominis?* E com eraõ varios os pareceres, foraõ tambem differentes as repostas: porque huns responderaõ, que se dizia que Christo era o Precursor, outros que se affirmava ser Elias, & finalmente tibhaõ outros por oppiniam, que o Senhor era hum dos Prophetas: *Alij Ioannem Baptistam, alij autem Eliam, alij Hieroniam, aut unum ex Prophetis.* Deixando a resposta de S. Pedro, que agora me não ser ue, reparei muito em que dizendose mais de Christo, & sabendo muito bem seus discipulos o mais que se dizia do Senhor, não lho quizeraõ dizer: digo que se dizia mais de Christo, porque tambem se dizia, (ainda que falsamente) que o Senhor nam guardava aos sabbados, que quebraua as leys, que era feiticeiro, & que era endemoninhado. Pois se Christo pergunta a seus discipulos, que oppiniaõ tem os homẽs de sua vida? Porque nam dizem elles a seu mestre tudo o q de sua vida diziam os homes? porque lhe nam dizem tambem que lhe chamaõ feiticeiro, que lhe chamaõ endemoninhado, que o arguem de quebrar as leys, & de nam guardar os sabbados? Isto tudo nam eraõ mentiras? pois porque as nam dizem ao Senhor? Querem ouvir porque? Porque ainda que estas culpas de que arguiaõ a Christo eram mentiras, entenderaõ os discipulos, que lhe poderia offender o gosto, por isso lhe tiveram tam grande segredo. Quei Christo he hum Precursor qu Christo he hum Elias, que he finalmente hum Propheta, isto como o nam podia offender logo lho dizem, porem que Christo he feiticeiro, que he Samaritano, que he ende-

en demon' nha só, effas mentiras com o o podiam molestar,
 nam lhas quizerão dizer. O como estão cheas as Cortes do
 mundo destes Evangelistas! Verdades, ou mentiras, que po-
 dem lisongear ao Príncipe; dos as dizem, mas mentiras, ou
 verdades, que o podem offender, todos as calam: Fazendo
 Deos a verdade pera se dizer ao entendimento, deu o inte-
 resse humano em a dizer á verdade, por isso auendo tantos q
 arguam de falsas aos Príncipes, nã ha hum que lhe queira
 aduertir hũa falta. Mas que bem estava Saul nesta humana,
 ou deshumana politica, quando fez a Deos esta petição: *Si* 1. Reg.
in me est iniquitas hac da ostentionem, si in populo tuo da sanctita- cap. 14
tem. Senhor, diz o Rey falando com Deos, se o voffo pouo
 está culpado tantificaio, & se eu vos tenho offe: dido dizei-
 mi: Para saber hũa falta sua perguntou Saul a Deos, porque
 isto de dizer a falta ao Rey, nam o sabe fazer nenhũ homẽ:
 o Príncipe pera lhe dizerem as tuas faltas há de recorrer ao
 Ceo, porque senam faz esse milagre na terra. *Si in me est ini-*
quitas hac da ostentionem.
 Podeo essa verdade delgoftar? pois quem lha ha de dizer:
 tanto respeito tem os que andão ao lado dos Príncipes a seu
 gofo porque tem a lua conueniẽcia gran: te respeito, daqui
 vem o nam auer Príncipe que tenha hum só vassallo verda-
 deiro, tendo muitos vassallos fieis: Nam se repare no modo
 de dizer, porque eu faço grande differença de vassallos fieis
 a vassallos verdadeiros; Vassallo fiel he aquelle que tem ao
 Rey afeição; Vassallo verdadeiro he aquelle que lhe diz as
 verdades de st: s nam ha hum, daquelles auera muitos. Mas
 nesta materia nam he só este o mayor mal que ordinariamẽ-
 te se acha no mundo: a mais se estende, muito auante passa,
 porque nam sò tenam contentam os homẽs com calar, senã o
 com adulterar as verdades: aquil'o que se notou como falta,
 dizem ordinariamente aos Príncipes, que se canonizou por
 acerto, & por lhe euitarem hum sentimento, os querem tra-
 tar com engano. O quanto disto padecem os Monarchas, os
 soberanos do mundo! Sendo mais duro de soffrer, a quẽ sa-
 be bem sentir, hum engano, que hũa morte, quanto se dei-

xão viuer engahados por não viuerem sentidos.

Esta penção, ou para dizer melhor este azar anda auinculado à grandeza: não ha Sceptro a que não siga alifonja, nam ha soberania sobre que não domine o engano, com tam venturosa desgraça, que ordinariamente alcança a mentira, o que poderá ser nam alcançata a verdade, por isso nas cortes do mundo he cousa tão ordinaria o ver se o vicio triunfante, & a virtude queixosa, por isso ha tanta multidão de enganados, & ainda mayor de enganosos. Venturosa Monarchia (& sem tirarmos os olhos de Portugal podemos ver este exemplo) venturosa Monarchia, cujos Princeses fazem tanta estimação das verdades, ou custem, ou lisongem, que o meyo mais efficaz para a valia, he o dizer-lhas, & para o desagrado o encobri-las: cujos vassallos, aquelles a quem isto pertence, assi amão aos seus Principes, que não se contentão sô com lhe serem fieis, senão tambem com lhe serem verdadeiros. Em os outros Reynos do mundo não serão validos os Euangelistas, mas para os Reys de Portugal, sô os Euangelistas foraõ, & são os validos, que justo he que hum Reyno que he tam parecido ao de Christo nas armas que tem, o seja tambem neste privilegio que goza. E para dar na rezão da differença, não me custou grande cuidado: os Principes de Portugal sempre tiuerão mais de Pays, do que tiuerão de Reys, & dizer verdades a hum pay, que he Rey, isso facilmente o fará hum filho; mas dizer verdades a hum Rey, que não he pay, esse prodigio nam o pode fazer hum homem: por isso Christo quando hoje mostrou aos Principes de Judea, que era Deos, não lhe disse que resuscitava mortos, se não que lhe dizia as verdades, porque sô sêdo Christo Deos como era, lhe pudera dizer as verdades que lhe dizia: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

Naõ posso deixar lã reparo estas vitimas palauras do thema: *Quare non creditis mihi?* Se eu vos falo as verdades, porq não credes em mim? Isto em Christo foy hũa pergunta, em mim he hũa admiração. Se Christo a estes homens lhe dizia as verdades, como não crê estes homens em Christo? Sa

bem porq? Diz S. Ioaõ Chryfostomo, porq não crião os Iudeos, antes sentião tanto o q Christo lhe ensinava? porq Christo ^{Chryfost.} lhe não ensinava o q elles sentião; & os homẽs das mate- ^{bisc. 99} rias q não são de seu gosto, não só não querẽ q o q se lhe diz seja verdade, mas nem ainda sofrẽ q seja oppinião: *Rei displicentis etiam opinio reprobat.* Disse altamente Tertuliano, & se isto assi he como auiaõ os Iudeos de crer a Christo as suas ^{Tertul.} verdades, se o Senhor os reprehendia de suas torpezas.

Tudo isto está muito bẽ dito, basta dizelo hũ tão grande Doutor, & tão grãde S. como Chryfostomo, mas eu cõ sua licẽça tenho aqui hũa grãde instãcia: Pergũto, Christo em cõfirmação de suas verdades naõ fazia taõ prodigiosas maravilhas? pois porq sennãõ cõfundẽ estes homẽs, porq não desistẽ de sua obstinação, porq não daõ credito a verdades cõfirmadas cõ tãtos prodigios? Hora eu resolui-me, & cuidõ q bẽ, que os Iudeos nũca creraõ as verdades de Christo, porq nũca virãõ os seus milagres, & pera tomar esta resolução fundei-me naõ menos q em hũa authoridade de Christo, na rezãõ, na esperiẽcia, & na Escripura; tudo mostro em duas palauras; vamos primeiro à rezaõ. Estes homẽs tinhãõ a Christo sobre hũ grãde odio, hũa grãde enueja, pois sendo isto assi, como auiaõ de ver os milagres de Christo, se a enueja nunca te ue, olhos pera ver milagres. Eu vim ao mũdo, disse Christo; (& he esta a sua authoridade, q prometi) eu vim ao mundo pera dar olhos a quẽ não tinha vista, & pera tirar a vista a quẽ tinha olhos; *Ego veni in mundũ, ut qui non vident videant, & qui vident caci fiant.* Difficultosa proposição! Christo tirou a vista a algẽ no mũdo? Naõ se apõtará hũ sõ exẽplo, como se haõ de entender logo estas palauras? Mui facil solução tẽ: Cõ a vinda de Christo ao mũdo tiu raõ vista os cegos, & cegãrãõ os enuejosos, tiu raõ vista os cegos, porq lha restituiu Christo cõ milagres, cegarãõ os enuejosos, porq não virãõ os milagres de Christo: Esta he a rezam, & a authoridade, vamos à esperiẽcia, & à Escripura. Acabou Christo de lançar prodigiosamente o demonio fora de hũ homẽ, q auia muito tẽpo q estaua a sũr de suas potẽcias, à vista de muitos Iudeos, e estes mesmos lhe

pedirão logo que fizesse o Senhor hum prodigio, porque o
Mat. cap. 12. querião ver com seus olhos. *Nolimus à te signum videre.* Pois
homem, não acabou Christo agora de fazer hum milagre, pa-
ra que lhe pedis outro? Pedem lhe outro, porque não virão
este, eraõ inimigos, e á benuejosos, não virão milagres.

O como foi este mal dos Iudeos contagioso no mundo.
Quanto os olhos ha, que sem serem egos, não são olhos. De-
pois que a nossa malicia deu em trocar a justificação às potên-
cias: pera o obediencia da vista importou pouco o ser q' uinão
as cousas: Eu me explico. Deos deu nos a vista pera que qui-
zesse a vontade aquelle bem que vissem os olhos, & a nossa
malicia fez com que não vissem os olhos, se não aquelle bem
ou aquelle mal que quiz a vontade: não vemõs para nos e ad-
rentar, contentamõs pera ver auendo o conhecimento de
preceder á vontade, que assi o ensina a Philosophia. *Nihil vol-
litum quin præcognitum.* He em nós primeiro a vontade, & en-
taõ depois o conhecimento, & desta desordem grande nasce
aquella abominavel consequencia, que mûca os nossos olhos
vem as cousas como ellas são, senão como queetmõs que
sejão, por isso os Iudeos não virão os milagres de Christo, por
que não querião que em Christo ouesse milagres. Offende-
raõse muito os Iudeos de que aquelle paralytico que curou
Christo em o sabbado (crime entra nelle abominavel) viesse
com o leito às costas, & reprehenden Joo de sta culpa, respõ-
deo o homem, que aquelle Senhor que lhe dera saude, lhe
mandara leuar o leito: *Qui me sanum fecit dixit mihi: Tolle gra-
bātum tuum, & ambula. Interrogauerunt ergo eum:* (acrecenta o
Euangelista.) *Quis est ille homo qui dixit tibi: Tolle grabātum tuū
& ambula?* Duas cousas disse aquillo aos Iudeos, o paralytico, &
elles perguntáraõlhe só por hua. Dic: lhe: que Christo lhe de-
ra saude, *qui me sanum fecit:* E que lhe mandara leuar o leito:
dixit mihi: Tolle grabātum tuum & ambula, & elles perguntáraõ-
lhe só por quem lhe mandara leuar o leito, & nam por quem
lhe dera saude: Pois se ali atira duas cousas, hum preceito de
Christo executado, & hua saude pello mesmo Senhor resti-
tuída, porque não perguntáraõ os Iudeos por quem lhe deu
a saude

Prolog.

Joann.
cap. 5.

a saúde, senão por quem lhe pôs o preceito?

Hora eu persuaí-me fundado na doutrina de Hugo Car.^{Hugo}
rense neste lugar: que estes homens por hũa só coula pei.^{Carenf.}
guntarão, porque hũa só coula visão. E isso porque (ainda ^{hic.}
não fechamos o pensamento) porque não virão o parali-
tico, com a saúde testificada, só o virão com o leito às costas?
Direi o que sinto: Dar Christo saúde ao paralitico, era mila-
gre mandar-lhe em o sabbado levar o leito, na oppinião dos
Iudeos, era hũa culpa de Christo, & como elles querião a
Christo só culpado não milagroso, por isso não vem a Chris-
to como milagroso vemmo, só como culpado: se o odio dos
Iudeos lhe não trocara a disposição da natureza, quereria a
vontade aquillo que vissem os olhos, mas como o seu odio
lhe descompôs as potencias, não viam os olhos, senão o que
queria a vontade por isso não vem em Christo milagres, se-
nã culpas, porque querião que Christo tiuesse culpas, não
querião que obraesse milagres, & como só as culpas vem, só
pellas culpas perguntã: *Vbi est qui dixit tibi hoc.* Culpas digo
na sua oppinião, que em Christo nunca ouve, nem podia a-
uer sombras de culpa. Esta he logo a rezão, porque confir-
mãdo Christo o que dizia aos Iudeos com tantos prodigios,
nam crião as suas verdades com escandalo do mundo, & cõ
queixa do mesmo Christo. *Quare non creditis mihi,*

Antes estiueraõ tam longe de crer ao Senhor, que o qui-
serão apedrejar. Grande, & lastimosa materia se me offere-
cia aqui para discorrer, mas tenho acabado o Sermão, só em
hũa coula reparo, & com ella concludo. Em premio de Chris-
to dizer aos Iudeos as verdades, lhe quizerão elles tirar
com pedras, fugio he o Senhor, & não de qualquer sorte, se-
nã fazendo hum milagre, porque diz o doutissimo Maldona-
do, que se fizera inuefue! Mas como assi? Christo não sa-
be muito bem que està seguro de morrer? muy bem o sabe.
De q' fuge de goio Snõr? E não de qualquer sorte, senão fazê-
do hum milagre? O qua' alto documento deu Christo aos
Principes do mundo nesta accção! Quando Christo està segu-
ro entã faz milagre para se segurar, porque os Principes

Mald.
in hoc
cap. 8.

Joan. n.

141.

141.

fação milagres para se segurar quando estiuere[m] seguros; já eu dice[is] algum hora discorrendo mais largamente sobre esta materia que não nos auia de fazer descuidalos v[er]nos seguros, antes q[ue] quãto fosse mayor a seguriça, tanto auia de ser mayor a cautela, porque para quem politicamente discorre, mais he para temida h[ua] seguriça, que para succedo hum perigo esta, em l[eu]te a rezão; porque o perigo faz temerosos, & a seguriça faz confiados, & em nenh[ua] cousa esta mais certa a ruina, que na confiança, alli como em nenh[ua] cou[sa] esta mais difficuloso o perigo, que no receyo. E daqui vem que melhor he muitas vezes para vencer h[ua] fraqueza desconfiada, que hum valor presumido, porque a desconfiança acautela, & a presunção facilita; a desconfiança faz valente a mayor fraq[ue]za, a presunção faz fraca a mayor valentia. Não ha duuida que em respeito do Gigante Goliath, que era Dauid muy inferior nas forças, & nas armas, porê com isto ser assim deu o Pastor galhardo por terra com aquella maquina difforme, com aquella soberba arrogante; porque Dauid em o combate entrou desconfiado, & o Gigante entrou presumido. *Despexit enim in corde suo* E mais effeito parece que faz h[ua] pedra tirada cõ desconfiança, que h[ua] bala tirada com presunção, porque a desconfiança dá brios á mayor fraqueza, & a presunção tira alêtos, a mayor valentia. O parto abominavel de h[ua] confiança necia, quãtas monarchias t[em] arruinado, quantos exercitos tens destruido! Nam nos auemos de descuidar logo, por nos imaginarmos seguros, antes quando nos virmos mais seguros, entam auemos de viuer mais desconfiados, e t[em] auemos de andar mais cuidadosos: auemos de temer as seguriças, ainda mais que os perigos. Dauid antes de Rey nos deu o primeiro exemplo, & depois de Rey nos darã a confirmação:

El Rey Dauid quando celebrou pazes com Saul, entam diz a sagrada Escriptura que buscou para viuer os mais seguros lugares: *Dauid & viri eius ascenderunt ad tutiora loca*. Pois agora que tem com o Rey celebrado pazes, trata Dauid de

1. Reg. cap. 24. se segurar mais, que quando tinha com elle tam viua guerra?

Sy,

Sy porq̃ agora vesse Dauid seguro na guer raviaffe Dauid perigoso, & como era discreto, & experimẽtado Dauid, mais temia a segurança, do que receaua o perigo: muito se segurou quando se vio arriscado, mas mais se quiz segurar quando se vio seguro. Assi o fez etão Dauid, e assi o faz hoje Christo seguro estaua o Senhor de morrer, mas por isso mesmo, por que estaua seguro de morrer faz milagres pera se segurar.

A todos os Reinos do mundo he muito importante este auiso, mas ao nosso Portugal mais importante: segura está a Monarchia Portuguesa de passar ouira vez a dominio estranho, porq̃ alẽ de o dizẽrẽ assi nas Prophecias, nisso tẽ Deos empenhada sua diuina palaura, & o patrocínio de sua mão poderosa; porem he necessario aduertir, que o estarmos tam seguros nos não ha de fazer descuidados. antes entãõ, quando nos virmos seguros, como fez Christo, auemos de fazer milagres para segurar a nossa segurança, auemos de obrar prodigios para eternizar a nossa conseruação.

Assi se faz, & assi espero eu em Deos, que se ha de fazer cada dia com mayor cuidado, quando na experiencia de tam acertados arbitrios virem os que vem, & julgam de fora, que temos Rey, que sabe ouir as verdades, que sabe escolher cõ prudencia, & que sabe obrar com acerto. Mas sobre tudo isto, pera que cheguemos a lograr a posse de tambem fundadas esperanças, & vejamos a execuçam de tam grandiosas promesas, he necessario viuermos muito vnidos com Deos, muy conformes com sua vontade, muy ajustados a seus preceitos, & muy agradecidos a seus beneficios, para que vêdo elle em nos este agradecimento possa continuar seus fauores, cõteruãdo o nosso Reyno, prosperando as nossas armas, restituindo as nossas cõquistas, & finalmete, que he o bem de mayor importancia, dandonos nesta vida muita graça, que he certo penhor de gloria. *Ad quam nos perducatur. Pater, Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

L A V S D E O.

Impressão em Lisboa, com todas as licenças
necessarias. Por Domingos Lopez
Rosa. Anno de 1650.

Está conforme com seu original. Em
Sam Domingos de Lisboa, 19. de Fevreiro
de 1650.

M. Fr. Fernando de Meneses.

Vista a conferencia, pode correr este
Sermão. Lisboa, 19. de Fevreiro de 1650.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Sylva de Faria.

Pantaleão Rodriguez Pacheco. Diogo de Sousa.

Taxão este Sermão em reis em papel.
Lisboa, 19. de Fevreiro de 1650.

Casado.

Carvalho.